

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2017

Salientem-se ainda os índices geral e de passos que o livro apresenta no final. Seria desejável encontrar uma bibliografia final que reunisse todos os títulos citados ao longo do volume. A opção de a parcelar e apresentar no final de cada estudo, porém, é igualmente válida.

Nuno Simões Rodrigues

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

LAURA BATTINI, ed. (2016), *Making Pictures of War. Realia et Imaginaria in the Iconology of the Ancient Near East*. (Ancient Near Eastern Archaeology 1), Oxford, Archaeopress Publishing, 88 pp. ISBN 978-1-78491-403-5 (£24.00).

A obra que aqui é objecto de recensão, *Making Pictures of War. Realia et Imaginaria in the Iconology of the Ancient Near East*, tem como editora a arqueóloga Laura Battini, investigadora focada em contextos urbanísticos e militares do Médio Oriente Antigo e com uma vasta bibliografia publicada, sendo aqui de destacar *Les armées au Proche-Orient ancien, IIIe et Ier mill. Actes du Colloque de Lyon*, BAR IS 1885, Oxford, editado em conjunto com Ph. Abrahams, publicado em 2008 e o livro *L'espace domestique en Mésopotamie de la IIIe dynastie d'Ur à l'époque paléo-babylonienne*, de 1999. A A. é também directora da série *Archaeopress Ancient Near Eastern Archaeology* da editora Archaeopress, onde inclusive a obra em questão se insere. Neste livro Laura Battini apresenta um artigo, intitulado «Middle Assyrian Drama in Depicting War: a Step towards Neo-Assyrian Art», bem como mais seis participações de investigadores, que importa analisar de seguida.

O primeiro artigo é de autoria de Dominique Beyer e é intitulado «Some Observations on the War Scenes on the Seals from Mari City II (pp. 5-12)». Aqui a análise inicia-se com selos do reinado de Ishqi-Mari. Matéria de estudo que o autor vai problematizando, fazendo, a partir de fontes iconográficas, uma sucessão de estágios dos métodos de produção destes selos, bem como dos motivos neles gravados, sendo aqui de destacar o desaparecimento do «guerreiro» derrotado que normalmente surgia na retaguarda do «carro de guerra» do líder vitorioso. Na fase final do seu artigo, Dominique Beyer problematiza em torno destes temas ao referir: «[...] Thus the fundamental question that presents itself is to know how far this highly stylised martial iconography, comparable to that of the great victory monuments, could be closely linked to a very particular victory by King Ishqi-Mari. This question has already been raised and can have multiple answers [...]».

Segue-se o «Elements of War Iconography at Mari» (pp. 13-28) de Béatrice Muller. Aqui são observados variados contextos militares a partir das várias iconografias que foram descobertas na cidade de Mari, em especial nas cronologias e estratigrafias das «City II» e «City III». O primeiro aspecto a ser abordado pela A. são as armas e os elementos que compunham a indumentária defensiva de cada militar em Mari II (muitas vezes estas tipologias são verificáveis em outros contextos, como é o caso da Babilónia), sendo de destacar as lanças, os punhais ou os machados. Já no caso do armamento defensivo, está nos elmos o principal factor de diferenciação entre o militar e o civil, bem como no *kaunnakès* (vestuário feito de pele que a partir do ombro esquerdo cobria o corpo). Uma observação idêntica é feita para o período posterior, sendo também realizada uma análise ao prisioneiro de guerra e

aos dados que a iconografia pode oferecer, no que diz respeito à hierarquia militar do exército de Mari.

«Visualizing War in the Old Babylonian Period» (pp. 29-36) de Silvana Di Paolo surge como o terceiro artigo, em que a A. observa a forma como as populações mesopotâmicas viam a guerra e como a interpretavam. É tratada a problemática relativa à forma de atribuição do «direito de fazer a guerra» na Mesopotâmia Pré-Clássica, ou a relação entre a política e a propaganda e a forma como a guerra era, em certa medida, um instrumento utilizado por ambos os contextos.

O artigo de Laura Battini (pp. 37-44) intitulado «Middle Assyrian Drama in Depicting War: a Step towards Neo-Assyrian Art» começa por referir que são poucas as imagens de guerra existentes para o período Médio Assírio, enumerando-as de seguida nesta ordem: uma cena em um altar, uma tampa em mármore negro num obelisco (o «Obelisco Partido») e em alguns selos cilíndricos. Certamente devido à riqueza de informações, grande parte do estudo é focado no obelisco e não tanto nos restantes suportes iconográficos. Uma das ideias que a A. vai com alguma frequência apresentando é a importância, por vezes negligenciada pela historiografia, que o período Médio Assírio possuiu para a formação do Império Neo-Assírio.

Rita Dolce apresenta no artigo «“Losing One’s Head”. Some Hints on Procedures and Meanings of Decapitation in the Ancient Near East» (pp. 45-56) uma abordagem cronológica diferente da que está presente nos restantes textos do livro. Ao contrário do que se observa nos restantes estudos presentes nesta obra, aqui as cronologias e as geografias são amplas, desde Çatal Höyük (c. 6000 a. C.) até ao período Neo-Assírio durante o primeiro milénio a. C. Um estudo com esta amplitude permite uma observação transversal da forma como o acto de decapitar inimigos era realizado e visto pelas várias civilizações que compuseram o Médio Oriente e a Anatólia.

«Where is the Public? A New Look at the Brutality Scenes in Neo-Assyrian Royal Inscriptions and Art» (pp. 57-82) de Ariel Bagge é um artigo focado na «brutalidade» (termo vastamente utilizado pelo A.) que os neo-assírios impunham sobre os derrotados, não havendo em muitos dos casos diferenciação entre estatuto social de um determinado indivíduo, fosse ele civil, militar ou membro da aristocracia local.

Por último, surge o artigo de Davide Nadali, «Images of War in the Assyrian Period: What They Show and What They Hide» (pp. 83-88), onde o autor começa por delimitar aquilo que tenciona analisar ao longo do seu estudo, «[...] I will try to linger on the political meaning of the systematic registration of military events in pictures trying to get a synthesis of the depiction of war and thus the importance of the iconography of war in the Assyrian world». Ao longo do seu texto, o A. vai colocando questões, não apenas relativas aos objectos concretos das representações iconográficas assírias, mas também relativas a contextos relacionados com a própria História Militar enquanto área de estudo. Observa-se uma viagem relativamente transversal por todas as cronologias da Assíria, havendo, naturalmente, uma clara preponderância do estudo sobre as fontes iconográficas datáveis do Império Neo-Assírio.

Em termos gráficos, os artigos aqui compilados apresentam uma vasta e rica quantidade de elementos iconográficos (o próprio nome da obra o fazia prever), embora seja necessário mencionar que o último artigo não conta com qualquer imagem. As que existem são todas de grande qualidade gráfica. Por fim, no final de cada artigo há uma consistente lista bibliográfica, sendo que as obras consultadas estão organizadas num sistema em colunas (duas por página).

Making Pictures of War. Realia et Imaginaria in the Iconology of the Ancient Near East é uma obra

compuesta por sete artigos de alta qualidade científica, focados essencialmente nos contextos bélicos mesopotâmicos entre várias cronologias. É de louvar, também, a abundância de fontes antigas (iconográficas essencialmente) consultadas e analisadas pelos vários autores, que enriqueceram muito o resultado final de cada artigo e a obra no seu todo. Em suma, este é um livro obrigatório para qualquer investigador que queira trabalhar as questões relacionadas com a guerra e com todos os contextos que a circundam e que com ela se relacionam para o Médio Oriente Pré-Clássico.

Eduardo Ferreira

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

MARTIN HOSE AND DAVID SCHENKER eds. (2016), *A Companion to Greek Literature*. Oxford, Wiley-Blackwell, 552 pp. ISBN 978-1-4443-3942-0 (\$195.00)

Este *Companion to Greek Literature* comienza con unas palabras de los editores en defensa de este género emergente: una historia de la literatura griega es un objetivo cada vez más inabarcable si no imposible. Ya no se trata solo de que semejante tarea deba ser llevada a cabo por un grupo de investigadores y no por un único historiador, sino que incluso tras el reparto de tareas, abordar un género o un autor de la antigüedad griega con exhaustividad y profundidad sigue siendo tarea difícil. ¿Desde qué perspectiva abordar las obras?, ¿qué metodología seguir?, ¿qué tipo de composiciones priorizar? En estas circunstancias, el género “Companion” tiene sus ventajas: “A Companion can, more adequately than the linear, narrative-bound literary history, approach Greek literature from diverse viewpoints with equal stringency and is thereby able to provide internal and external contextualization for this body of literature” (p. 2).

Los aspectos materiales de la Literatura Griega se tratan en la Parte I, *Production and Transmission*, que consta de dos capítulos: Lucio Del Corso, “Mechanics and Means of Production in Antiquity”, estudia los diferentes materiales y las técnicas empleadas en la escritura (cap. 1); Richard Armstrong, “Textual Survival and Transmission”, se ocupa de rastrear el camino seguido por la literatura griega que ha llegado hasta nosotros gracias a una labor de siglos, pero comienza por el recuerdo de todo lo perdido y por el apasionante repaso de los descubrimientos fortuitos para hacernos conscientes también de cuánto debemos al azar (cap. 2).

Las circunstancias históricas que influyen en la composición de las obras literarias se abordan en los seis capítulos que constituyen la Parte II, *Greek Literature as a Dynamic System*. Las tensiones entre oralidad y escritura se estudian en Steve Reece, “Ancient Greek Literature as Oral Literature” (cap. 3); en los siguientes capítulos se contextualiza históricamente la producción literaria siguiendo un orden cronológico: Timothy Power, “Literature in the Archaic Age” (cap. 4); James McGlew, “Literature in the Classical Age of Greece” (cap. 5); Anatole Mori, “Literature in the Hellenistic World” (cap. 6); Jason König, “Greek Literature in the Roman World” (cap. 7); Jan Stenger, “The Encounter with Christianity” (cap. 8).

Los géneros literarios son el objeto de la Parte III, *Genres*, formada por nueve capítulos: Hanna Roisman, “Greek Epic” (cap. 9); James Wells, “Lyric: Melic, Iambic, Elegiac” (cap. 10); Richard Rader,